



O perfil do caminhoneiro no Brasil

Versão 2010

RESUMO EXECUTIVO

Apoio



Coordenação da pesquisa: Prof. Dr. Elder Cerqueira-Santos
Equipe: Alessandro Conceição Rocha, Christian Zanon, Diogo Araujo de Sousa, Ítalo Matheus Souza, Maxciel Zortea, Saulo Almeida, Othon Cardoso de Melo Neto (pesquisadores), Beatriz Andrade Oliveira Reiz e Mariana Valadares (assistentes) e Prof. Dr. Lucas Neiva-Silva (consultor)

Realização

CHILDHOOD
pela proteção da infância



Uma pesquisa de grande porte, realizada em diversas rodovias do país, deu continuidade a um trabalho inédito que teve início em 2005, com o objetivo de traçar um amplo perfil do caminhoneiro brasileiro. O estudo seguiu uma abordagem multimétodo (quantitativo e qualitativo) analítico com motoristas de caminhão, para atualizar dados de 2005, com ênfase na questão do envolvimento desses profissionais com a Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA).

Foram entrevistados individualmente 343 caminhoneiros, sendo 275 deles escolhidos aleatoriamente e 68 de um grupo de controle formado por motoristas de empresas vinculadas ao **Programa Na Mão Certa**. As entrevistas aconteceram entre os meses de maio e setembro de 2010, em sete cidades brasileiras: Porto Alegre (RS), Itajaí (SC), Cubatão e Santos (SP), Belém (PA), Natal (RN) e Aracaju (SE).

Dados biosociodemográficos

A média de idade dos caminhoneiros entrevistados (todos do sexo masculino) ficou em 41,85 anos, um pouco acima do que a observada em 2005, que foi de 38,26 anos. A maioria (65,8%) declarou-se casado.

O nível de escolaridade dos motoristas teve um pequeno aumento nos últimos anos, com um percentual maior deles com fundamental incompleto (34,4%). No grupo de controle, foi percebida uma inversão nas categorias fundamental incompleto e fundamental completo quando comparadas à amostra aleatória, sinalizando que quem trabalha em empresa parece ter maior escolaridade.

Nível de escolaridade

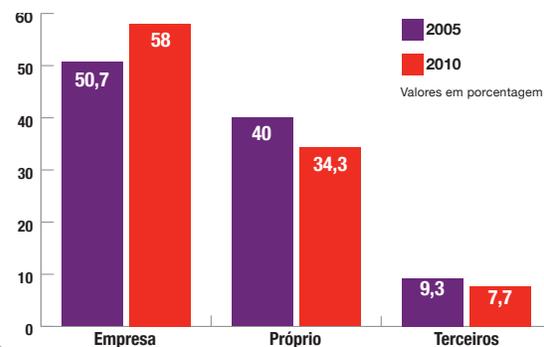
	2005 (em %)	2010 (em %)
Sabe ler, mas não foi à escola	-	1,5
Fundamental Incompleto	32,8	34,4
Fundamental Completo	23,9	24,6
Médio Incompleto	18,9	10,8
Médio Completo	19,7	25,4
Superior Incompleto	2,5	2,4
Superior Completo	2,2	0,9

Na pesquisa de 2010 observou-se um pequeno aumento da renda mensal familiar, atingindo como média o valor de R\$ 2.944,23, contra R\$ 2.622,07 em 2005. Entre as faixas salariais, a que teve maior percentual (46,7%) foi entre R\$ 1.001,00 e R\$ 2.000,00 por mês.

Profissão e rotina

O tempo médio de profissão dos entrevistados também aumentou, passando de 15,32 anos em 2005 para 17,39 anos

De quem é o caminhão



em 2010. No caso dos caminhoneiros com vínculo com empresas signatárias, a média foi de 19 anos.

Apenas 34,3% dos motoristas disseram ser os donos do caminhão com o qual trabalhavam, enquanto que um percentual maior de entrevistados afirmou dirigir caminhões de empresas ou de terceiros (65,7%).

O desejo pessoal continua sendo o principal motivo para a escolha da profissão, mas desta vez para um percentual maior de caminhoneiros (41,7% em 2010 contra 37% em 2005). A influência familiar aparece em segundo lugar (25,5%), seguida pela falta de oportunidade (20,3%) e pelo retorno financeiro (6,3%). No grupo de controle, o desejo pessoal alcançou percentual ainda maior (54,4%), enquanto a influência familiar (8,8%) ficou atrás da falta de opção (16,2%).

Foi encontrada diferença significativa entre o tempo que os caminhoneiros passam na estrada e o tempo de espera por carga. Em 2005, os motoristas passaram em média 20,3 dias na estrada e 44,15 horas à espera de carga. Já em 2010, eles ficaram, em média, 19,08 dias na estrada e 57,89 horas esperando por carga. A pesquisa também mostrou que os caminhoneiros vinculados a uma empresa costumam esperar menos tempo por carga: 36,75 horas.

Vida na estrada

As principais atividades realizadas pelos caminhoneiros quando estão com tempo livre foram: conversar com os amigos (76,6%), dormir (72,9%), ver televisão (71%) e fazer a manutenção do caminhão (39,8%). As diferenças de percentuais em relação a 2005 devem-se à mudança na metodologia da pesquisa, que em 2010 acumulou os dados para mais de uma resposta, ao contrário do levantamento anterior, que considerou apenas um item por entrevistado.

A percepção dos caminhoneiros sobre as condições das estradas permanece ruim. Ao serem questionados sobre o que gostariam de ter nos pontos de parada ou apoio, 80,6% deles responderam banheiro limpo, 55,2% disseram comida boa e 53,7% apontaram atendimento médico. Comida barata, salas



Atividades quando estão parados

Atividade realizada em ordem decrescente (%) 2005		Atividade realizada em ordem decrescente (%) 2010	
Conversar com os amigos	25,42	Conversar com os amigos	76,6
Dormir	23,75	Dormir	72,9
Ver TV	15,95	Ver TV	71,0
Manutenção do caminhão	7,05	Manutenção do caminhão	39,8
Descansar/ouvir música/ler	7,05	Fazer sexo	34,3
Outros	5,75	Conhecer a cidade/passear	24,7
Fazer sexo	5,75	Beber	22,4
Beber	4,45	Descansar/ouvir música/ ler	17,7
Jogar	3,34	Outros	13,1
Procurar carga	3,15	Jogar	11,0
Comer/cozinhar, tomar banho	2,60	Procurar carga	10,6
Conhecer a cidade/ passear	1,67	Comer/cozinhar, tomar banho	8,8
Atividade física	1,48	Atividade física	7,1

de TV, jogos e para atividade física, bons quartos e internet também foram reivindicados.

Sobre os maiores problemas enfrentados na profissão, destacam-se a insegurança/violência (77,7%), os riscos de acidentes (65,6%), o fato de ficarem longe da família (64,6%), a má qualidade das estradas (55,3%) e a baixa remuneração (48,4%). A pesquisa também mostrou que os profissionais de empresas signatárias queixaram-se mais da violência que os caminhoneiros da amostra aleatória.

Vida sexual

A maioria dos entrevistados (98,5%) relatou manter experiências sexuais somente com mulheres, com apenas 1,5% afirmando ter tido experiências sexuais com homens e mulheres. A média de relações sexuais mantidas por semana quando os caminhoneiros estão na estrada também quase não mudou nos cinco anos: 1,73 em 2005 e 1,64 em 2010.

Já em relação à parceira sexual na estrada, houve uma diminuição significativa no percentual de motoristas que disseram fazer sexo com prostitutas. Em 2010, essa foi a resposta de 43% dos entrevistados, contra 60,5% em 2005. Quando perguntados sobre a preferência por parceira sexual, 44,8% afirmaram ser a esposa ou companheira e 32% disseram ser parceiras eventuais.

A camisinha continua sendo o principal método utilizado pelos entrevistados (60%) para prevenir doenças sexualmen-

te transmissíveis (DSTs). Em contrapartida, o percentual de motoristas que afirmaram não adotar qualquer forma de prevenção sexual subiu de 8,3% em 2005 para 19,6% em 2010.

Exploração sexual de crianças e adolescentes

Houve uma diminuição no número de adultos envolvidos com a exploração sexual de crianças e adolescentes. Quando questionados diretamente se já saíram com crianças ou adolescentes, 82,1% disseram que não em 2010. Em 2005, esse índice foi de 63,2%.

A pesquisa mostrou ainda que os caminhoneiros estão mais conscientes em relação à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes (ESCA). Em 2010, 37% deles disseram saber que essa prática é errada e, por isso, são contra. Em 2005, apenas 20,8% responderam dessa forma.

A necessidade financeira da criança ou da família foi o principal motivo, na opinião dos entrevistados, para jovens com menos de 18 anos se envolverem com a prostituição. De acordo com eles, a média do valor do programa com crianças e adolescentes foi de R\$ 25,05, acima do valor apontado em 2005, que foi de R\$ 17,26.

As regiões Nordeste e Norte do país continuam sendo as mais citadas pelos caminhoneiros como locais onde há predomínio de crianças e adolescentes sendo explorados. Os estados mais citados pelo grupo aleatório foram Maranhão, Bahia, Pernambuco e Ceará (Nordeste), Pará (Norte), São Paulo (Sudeste), Mato Grosso (Centro-Oeste) e Rio Grande do Sul (Sul). O grupo de controle mencionou Pernambuco, Ceará e Maranhão (Nordeste), Pará (Norte), Minas Gerais (Sudeste) e Goiás (Centro-Oeste).

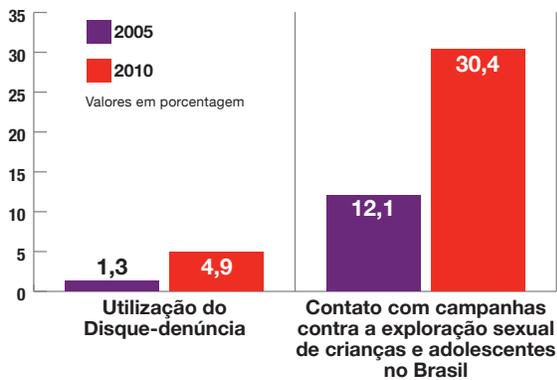
Não houve diferença significativa no envolvimento pessoal com a exploração sexual de crianças ou adolescentes entre a amostra aleatória e o grupo de controle. No entanto, os motoristas vinculados às empresas relatam mais casos de colegas envolvidos com a ESCA. Tal fato pode significar que a compreensão que eles têm sobre a situação faz com que eles percebam

Motivos para não saírem com crianças e adolescentes

	2005 (em %)	2010 (em %)	Controle (em %)
Sabem que é errado/são contra	20,8	37,0	36,8
Respeitam por serem menores/são como filhas	18,0	26,9	28,1
Não têm tesão	18,0	16,0	10,5
Para evitar problemas com a Justiça	18,6	10,0	3,5
Respeitam a esposa/fidelidade	12,6	4,1	71,0
Outros	2,7	2,3	10,5
Medo de contrair doenças	3,3	1,8	1,8
Não tiveram oportunidade	6,0	1,8	1,8



Proteção a crianças e adolescentes



com maior facilidade e relatem com maior consciência os atos criminosos contra crianças e adolescentes.

Proteção em ação

Educar e dar exemplo foram as principais respostas dos caminhoneiros à pergunta sobre o papel do adulto na vida de uma criança.

Em comparação com os dados apurados em 2005, os entrevistados se mostraram mais familiarizados com as leis e os serviços de proteção às crianças e adolescentes. A maioria disse conhecer o Conselho Tutelar (91,6%), o Estatuto da Criança e do Adolescente (76%), o Juizado de Menores (76,6%), a campanha contra a exploração de crianças e adolescentes no Brasil (61,7%) e o Disque-denúncia (56,2%).

Também houve um aumento no número de motoristas que já utilizaram o Disque-denúncia: 4,9% em 2010, contra 1,3% em 2005. No levantamento anterior, apenas 12,1% disseram já ter tido algum contato com campanhas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes. Em 2010, esse percentual triplicou, subindo para 30,4%.

Pela primeira vez, a pesquisa perguntou se os motoristas conheciam o **Programa Na Mão Certa**. Do total da amostra, 19% disseram que sim. Desses, 81,6% afirmaram ter conhecido o programa nas empresas em que trabalham, 10,2% por meio de impressos, 8,2% em pátios de paradas, 6,1% em postos de gasolina, 6,1% em eventos e 9% em outros veículos, como rádio e TV.

Considerações finais

A perspectiva de atualização dos dados acerca do perfil do caminhoneiro no Brasil, após a instalação do **Programa Na Mão Certa**, revelou-se, inicialmente, como um trabalho desafiador, mas ao mesmo tempo recompensador. Mais uma vez favorecidos pela solidão que parece fazer parte da vida do profissional da estrada, os entrevistadores foram bem recebidos.

Chamaram a atenção a disposição desses profissionais em relatar os episódios do seu dia a dia e a naturalidade com que

alguns deles contam suas experiências sexuais, inclusive com o comércio do sexo.

Foram muito frequentes as reclamações dos preços cobrados para que eles possam estacionar os veículos nos pátios ou mesmo para usar o banheiro nos postos. Além das reivindicações apontadas pela pesquisa, os motoristas também se queixaram da forma como a profissão é vista pela sociedade. Eles acreditam que são discriminados e às vezes maltratados pelas pessoas. Apesar das dificuldades, o amor pela profissão foi sempre destacado pelos entrevistados.

Todos os caminhoneiros confirmaram que é comum haver prostituição pelos postos e estradas por onde andam e a maioria deles apontou a presença de crianças e adolescentes em meio às prostitutas. Muitos culpavam os próprios postos por não possuírem estrutura que impeça esse fato de acontecer. Alguns também reclamaram da atuação dos policiais rodoviários estaduais.

Embora quase todos os entrevistados tenham apontado que é comum a exploração de meninos e meninas nas estradas e pontos de parada, boa parte dos caminhoneiros relatou não concordar ou compactuar com essa situação. Alguns chegaram a propor soluções que implicam a necessidade de maior atuação do motorista de caminhão no combate à ESCA.

Durante a pesquisa, foram notados em alguns caminhões adesivos e panfletos do Ligue 100, além de cartazes informativos pregados em alguns postos. No entanto, ainda foram poucos os caminhoneiros que demonstraram conhecimentos mais aprofundados acerca de campanhas contra a exploração sexual de crianças e adolescentes. Foram poucos também os que relataram já ter denunciado tais situações.

De maneira geral, foram encontrados dados mais positivos nas entrevistas realizadas com os motoristas das empresas signatárias do **Programa Na Mão Certa**. Em relação à amostra aleatória, o grupo de controle apresentou melhor avaliação de questões pessoais e profissionais e maior conhecimento sobre os direitos de crianças e adolescentes. Tudo indica que o fato de estarem vinculados a uma empresa aumenta o senso de grupo e de responsabilidade sobre o próprio trabalho. ✨

Envolvimento com a ESCA

	Aleatório (em %)	Controle (em %)
Sai com prostitutas	35,4	30,4
ESCA (envolvimento pessoal)	20,1	21,7
ESCA (envolvimento de colegas)	71,9	87,0
Conhece algum disque-denúncia contra a ESCA	56,1	94,1
Já denunciou algum caso de abuso infantil	4,9	3,0
Conhece o Programa Na Mão Certa	19,0	71,0